

Pélagie Gbaguidi conversa com Karamujinho

KARAMUJINHO: Lembro da primeira vez que nos vimos na residência do Pivô em Salvador, querida Pélagie, e você me ofereceu um copo d'água na hora. Não foi só um oferecimento mas um pedido. E, como de costume, como é oferecer água a alguém, a sensação que eu tive, vinda de você, foi um tipo de ritual corporal em reverência aos encontros. Achei muito simbólico usar a água como um agente introdutório para refrescar os corpos no calor de Salvador, mas, antes de qualquer coisa, refrescar as nossas mentes para começar a grande jornada que estava por vir. Ao mesmo tempo, estava pensando: é curioso que nós, gente das tradições afro-indígenas aqui da Bahia, usemos água para o que chamamos de *apaziguamento*. É um feitiço de paz para trazer harmonia e alinhamento. Consciente ou inconscientemente, Pélagie, todos os nossos encontros aconteceram em encantamentos de apaziguamento através da água. E foi uma jornada muito bonita pela qual eu gostaria de agradecer não só a você mas antes de tudo a todos os ancestrais que tornaram possíveis este e outros encontros. O que você acha disso?

PÉLAGIE GBAGUIDI: Obrigado pela sua análise e observações tão perspicazes. Como você poderia saber de antemão que a água é um elemento tão presente no meu jeito de ser? Olhando para a água como uma metáfora para a vida humana, a água é uma matriz para entender o curso da história, as memórias e lembranças, o infinito, a vastidão e o incerto. Tem alguma coisa que não conseguimos identificar porque questiona a nossa pequenez na escala cósmica.

A água é fundamental como uma arquitetura da linguagem, e a água é um elo nos relacionamentos. A água gera relacionamentos.

A imagem que eu tenho na cabeça é que as palavras são feitas de argila e água, e isso forma uma linguagem, o começo da criação. Numa dimensão espiritual, é um caminho que nos leva às tradições das libações, oferendas para homenagear os ancestrais, aqueles que construíram o Brasil.

A água, uma energia vital e um recurso precioso, está sendo comprometida por lobbies capitalistas. Estamos num ponto de inflexão que questiona a vida na Terra e, como eu disse antes, nossa pequenez na escala cósmica.

Sim, dar água é um gesto humano, a linguagem elementar para dar boas-vindas a alguém.

Tive uma experiência de boas-vindas quando cheguei a Salvador. O primeiro contato que tive foi com um taxista, e então com Murilo Silva e Vittor Adél, e aí com toda a equipe do Pivô. Durante a minha residência, registrei todos os traços de acolhimento. Foi útil encarar parte da realidade na rua, em termos de precariedade, e algumas cenas de violência não verbal (quando vi um policial tocar o ritmo do samba com os braços enquanto carregava sua arma durante um evento que celebrava Imenjá). Essa não é uma situação que precisa ser banalizada. No Brasil, nós nos abraçamos como saudação. Vejo isso como um sinal de sobrevivência diante da enorme complexidade da sociedade e como um sinal de hospitalidade. Minha experiência tem sido muito hospitaleira.

K: E continuando sobre as águas: queria falar dessas águas que ligam a Bahia ao continente africano. Dizem que do Benin e também do Senegal, se você olhar direto para o Oceano Atlântico, você consegue ver a Bahia. É um jeito bonito de ver essa ligação, que passa pela culinária, com o pirão, a farofa e a quiabada, que você identifica como sendo a mesma do Benin, mas também por vários aspectos simbólicos que constituem o que chamam de diáspora africana no Brasil, certamente com problemas coloniais em todo o mundo, problemas que derivam da escravidão que afetou a nossa gente. O que você pode dizer sobre a diáspora africana na Bahia?

PG: Essa ligação é também uma ligação telúrica entre continentes através da dança das placas tectônicas entre a América e a África. Em outras palavras, a noção de distância (olhar a África de longe) foi reforçada pela terrível história da escravidão e da colonização. Eu diria que a filiação com a África está mais do que presente. Você pode senti-la em todos os lugares no dia a dia.

Vamos falar de léxico, onde certas palavras apresentam um problema, como o “sincretismo” religioso, que é comumente usado para se referir a tradições espirituais como o candomblé. Para mim, é importante ressaltar a violência do contexto histórico no qual a religião católica foi imposta contra as práticas de culto de “grupos étnicos”. Por isso, seria interessante observar as formas de contextualizar uma comunicação que foi remodelada e assumida. É por isso que o termo diáspora me parece dissonante e questionador. Afrodescendentes vivendo na Bahia ou no Brasil estão em casa assim como estariam no continente africano, com a diferença de que a colonialidade no Brasil faz parte de uma história que já é muito longa. As assimetrias de poder são muitas.

Sim, a comida parece ser um elo indelével com as práticas culinárias africanas, e com Benin em particular, na época do Daomé.¹ Os pratos preparados por Hungria Freitas no Pivô Salvador reativaram o gosto por vínculos distantes, e todos nós experimentamos essa memória do gosto (falando, sentindo, rindo, conversando...).

K: Você pode falar sobre a visita ao Arquivo Público Municipal, e o que te interessou para a sua pesquisa artística?

PG: A pesquisa é bem experimental. O método consiste numa abordagem que considera a maneira de olhar, convidando outra pessoa para olhar ao mesmo tempo que você. Isso nos permite ter essa experiência compartilhada e sair das nossas próprias rotinas (um deslocamento e distanciamento desejados): "olhar juntos, mudar juntos", uma abordagem que exploro na minha prática de desconstrução de padrões de pensamento. A ideia é transformar matéria tóxica numa linguagem poética que envolva um esforço de confronto com a busca por formas que possam nos permitir criar espaços de compreensão, abertura e fraternidade.

Eu convidei o Ramon Martins, do Pivô, para compartilharmos nossos pontos de vista sobre o arquivo. Primeiro, precisávamos percorrer uma vasta gama de imagens, desde a ditadura até o período da escravidão, passando por imagens da década de 1970. O que me impressionou foi a forma rudimentar com que "Negros na Bahia" tornou-se uma descrição de imagens ligadas à escravidão, e o aspecto de romantização em fotos cheias de coqueiros e com pessoas negras em primeiro plano, em cenas do cotidiano escravizado. Senti que era imperativo explorar o papel de uma figura histórica, Catarina Álvares Paraguaçu, invertendo o modo de ler a imagem com uma pintura intitulada *Out of frame* (2025). Essa figura central de cabeça para baixo está interpelando as questões prementes deste século. Há uma necessidade urgente de refletir sobre questões étnicas. Também fui muito bem recebida no Arquivo Público, que está atualmente em processo de rearquivamento do sistema, com sorte desde uma abordagem decolonial.

K: Um aspecto memorável do seu trabalho são os signos e simbologias ligados às questões globais provocadas pela colonialidade. É uma discussão muito necessária sobre racismo, hierarquia, exotização e romantização de tradições, além da pós-colonização. Esteticamente, o seu trabalho me atravessa com o fator mistério, que faz parte do segredo de ser quem você é, uma autorreferenciada griot contemporânea. Outro aspecto importante da sua pesquisa são os pigmentos de cores vibrantes, como podemos ver na grande obra da mangueira (*Mango tree*, 2025). Você poderia falar um pouco sobre esse trabalho e outros na exposição?

PG: Sim, nos anos 2000 houve uma questão urgente que me veio como uma revelação: a do griot contemporâneo, que redefini da seguinte maneira: no sentido poético, "o griot desafia o indivíduo em sua própria trajetória porque

¹ O Reino do Daomé, localizado no atual Benin, existiu de aproximadamente 1600 até 1904.

ele absorve a palavra dos mais velhos, remodelando-a como um pedaço de gordura que ele vem a depositar na barriga do transeunte, com os ingredientes de seu tempo”. Na prática, “quebrando o ritmo do cotidiano e integrando sua parte de eternidade.”

A revolução digital, a revolução oral e a transformação em um mundo capitalista geraram questões existenciais;

Como meu corpo passaria por essas mudanças? Como se preserva o corpo diante do capitalismo? (ou melhor, por que o capitalismo precisa de capital humano/corpos para construir a economia)? Comecei meu próprio processo de despir (*mue*) e desconstruir estereótipos.

Minha prática é pluriforme. As cores expressam a profundidade desse espaço, que chamo de não visível. Uso pigmentos porque eles são miscíveis em água. Isso está próximo de uma linguagem "líquida" que pode se espalhar.

A mangueira perto do Pivô me apareceu como uma visão e uma necessidade de convocar o elemento da natureza como um arquivo documental. Fiquei impressionada com a força e a imensidão dessa árvore linda, e comecei a adicionar traços e pequenos buracos, como em escavações. Mais tarde, quando visitei a exposição *Ecos Malês*, com curadoria de João Victor Guimarães e cocurada por Mirella Ferreira, soube que sob a mangueira estava um cemitério da Revolta dos Malês de 1835, em Salvador da Bahia. Continuei pensando em outras árvores que também são testemunhas da violência, como a "árvore testemunha" em Charlottesville [Virginia, Estados Unidos] que vi em dezembro passado, mas também como sair dessa relação destrutiva com a terra e com os seres humanos.

K: Outro aspecto fascinante do seu trabalho é a sua pesquisa sobre o corpo, um tema que também me interessa profundamente, pois investigo o corpo como memória e como superfície artística para a criação. Durante nossas aventuras em Salvador, assistimos às aulas de dança afro-indígena, que personificavam o simbolismo dos caboclos – descendentes mestiços de negros e indígenas – que desempenharam um papel crucial na independência da Bahia. E hoje, essas tradições permanecem vivas, se reafirmando como uma forma poderosa de resistência. Diante das inúmeras armadilhas e questões da colonialidade, você acredita que nossos corpos ainda estão avançando?

PG: A experiência da polifonia de vozes (Vittor Adél, João Guimarães, Angel Costta e Mateus Asipá, Karamujinho) na performance *Manifestação*, do dia 15 de fevereiro, no Pivô Salvador, mostra que os corpos, juntos, expressam um desejo de serem animados por poesia, dança, escrita, canto e todas as formas de linguagem enquanto integram uma dimensão ritual compartilhada (respiração, corpos em movimento, luz, pulsações, despertar sensorial, comunidade). Todos contribuem para essa “interrupção” da realidade. Esses espaços de resiliência, expressão e conforto devem ser entendidos não como fugas, mas como formas estruturantes de oralidade renovada.

Essa brecha salutar que penetra nossos corpos e consciências nos ajuda a escapar de nossa condição humana; ao menos pelo tempo que ela dura. É através dessa tarefa colossal que o século 21 pode finalmente nos iluminar sobre as conquistas humanas que nos chamam a refletir sobre o sentido da vida na Terra e a formação da consciência: *Quel est le sens de la vie sur Terre et la Fabrique de la conscience* (2023).

K: Comecei esta conversa falando sobre encantamentos e rituais. Gostaria de terminá-la falando sobre manifestações. O que é Manifestação para você?

PG: Um olhar que incorpora tudo e tenta não se encaixar numa lógica cartesiana de pensamento.

Entender/desafiar/confrontar o estupor de coisas horríveis ou a brutalidade de certas cenas ou aspectos da realidade, e ao mesmo tempo as relações amigáveis, a criatividade ou o pôr do sol, com a sensação de que estamos ligados ao todo por uma cadeia de energia vital humana. A esperança de renascer do mundo inteiro (como em Édouard Glissant). Tudo isso é um compromisso claro com a justiça social. O evento é uma gama de vozes, movimentos, sentimentos, constelações vistas, ouvidas, tocadas, uma sensação de ter sido absorvida por uma coreografia séria, com todas as nuances de sua exuberância, e um convite para olhar o cosmos através da dança e o gosto urgente pela jornada.

Este estado de ser foi alcançado graças a uma reciprocidade humana que foi vivida. Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a aproveitar essa residência; Iron Andrade, taxista, Vera, Bruno Sousa e Rosangela Silvestre pela dança; Karamujinho, pela abordagem curatorial e pelo sentido de compartilhar suas visões da cidade, Fortes D'Aloia & Gabriel e toda a equipe; Pivô Salvador – Maria, Fernanda Brenner, Jaqueline Santiago, Carolina de Sá, Ramon Martins, Murilo Silva, Mateus Asipá; e Hungria Freitas; Galatea, José Adário dos Santos, Gokula Stoffel, Erika Verzutti, Paulo Monteiro; pela performance: Vittor Adél, João Guimarães, Angel Costta e Mateus Asipá; Alana e Alice por Cachoeira; Alberto Pitta, Acervo da Laje, Ekedý Sinhá; seu Agnaldo; Joceval Santos; Arquivo Público Municipal; e os passantes que encontrei.

Pélagie Gbaguidi
Março de 2025